

-
-
-

PCP

Com simpatia e sem 3 milhões de votos a eleição seria de Soares ou Freitas

Para além da importância política da introdução que o camarada Álvaro Cunhal fez na sessão de esclarecimento realizada na passada sexta-feira à noite no salão da Sociedade Filarmónica da Amadora (ler na pág. 3), a própria sessão revestiu uma grande importância. No ambiente de grande atenção em que decorreu, a sessão revelou, no período de perguntas, que há muito por esclarecer ao eleitorado português, inclusivamente aos próprios militantes comunistas que, entretanto, se mostraram conscientes da excepcionalidade da situação e da sua complexidade.

As perguntas, em que intervieram muitos homens e mulheres presentes, não se limitaram aos temas desenvolvidos pelo secretário-geral do PCP. Outras questões foram levantadas, algumas mesmo de âmbito local, a que o camarada Orlando de Almeida, Presidente da Câmara da Amadora, respondeu. Algumas visaram aprofundar melhor as posições do Partido, clarificar situações, adiantar até hipóteses.

«Para resolver esses problemas, o que nós propomos é que, na base das instituições, portuguesas e portuguesas dêem o seu empenhamento, qualquer que seja a área política em que até agora se tenham situado, desde que concordem com a necessidade de formar um Governo para atacar esses problemas.

Álvaro Cunhal deu o exemplo das autarquias, em que a APU, onde está em maioria, colabora com todos os que querem resolver os problemas das instituições, sejam os outros do P, do PSD ou do CDS. E afirmou também que o contrário também

des na Assembleia, cria uma situação de instabilidade e outra solução virá a ser necessária. «Temos declarado muitas vezes que o nosso Partido está pronto a examinar, na base de uma plataforma, a possibilidade de um Governo Democrático de Salvação Nacional. Se os outros não querem, que tomem as suas responsabilidades. A responsabilidade não é nossa. Mas não vemos outra solução que aquela que nós propomos e a experiência, dentro de pouco tempo, certamente o irá mostrar».

A Assembleia

A perguntas colocadas sobre a Assembleia da República, o Secretário-Geral do PCP respondeu em primeiro lugar àquela que visava saber o que se irá passar agora. «Nós pensamos que nesta Assembleia da República», disse, «há de haver mais discussão, de discutir ideias reaccionárias e de im-

vontade de acertar, nós estimulamos essa seriedade, essa vontade, essa isenção».

Autarquias

Os aplausos que soaram, sublinharam a compreensão dos presentes por este modo de ver do PCP. E o secretário-geral do Partido lembrou ainda o caso da eleição do camarada José Vitoriano para a vice-presidência da AR, com mais uma centena de votos para além dos votos comunistas, vindos do PRD e também do PSD, como é facilmente verificável, demonstrado o reconhecimento pelas qualidades do camarada, sobre o qual disse não haver outro que tenha trabalhado com maior seriedade e eficiência na vice-presidência da Assembleia. E lembrou ainda a eleição do camarada José Manuel Maia,

que existe, democrática, na AR, porque é que eles não vêem a possibilidade de constituir uma maioria com os comunistas e com o PRD?», perguntou Álvaro Cunhal, depois de passadas as manifestações de hilariedade que as expressões «traição à esquerda» e «resistência antifascista» do documento soçrista suscitaram na sala.

Presidenciais

Mas foi na questão das presidenciais que as perguntas incidiram com particular necessidade de esclarecimento. Álvaro Cunhal explicou detalhadamente a função do candidato do PCP. «Esta candidatura», repetiu, «é uma forma de intervir na batalha das presidenciais para contribuirmos para que haja finalmente a convergência e a unidade de todos os

do PCP, mas aquele que reúne o consenso de todos os sectores democráticos.

Falando dos apoios necessários a uma vitória, teve observações críticas à candidatura de Maria de Lurdes Pintasilgo, «uma candidatura que avança de uma forma voluntarista, sem querer saber da necessidade desse consenso, desse acordo». A questão não é a da simpatia, é de saber se os apoios são reais ou não. Com simpatia e sem três milhões de votos, a eleição seria a de Mário Soares ou de Freitas do Amaral...

Zenha ou Pintasilgo? Quem tem o PCP apoiar? O que é necessário é saber quem tem os apoios necessários para a vitória. Quem tiver os apoios terá também o apoio dos comunistas para a vitória. E, neste caso, não se trata apenas de compararmos dois candidatos e saber qual é mi-

O governo

No que respeita à moção de re-

dar o Futuro

FONTE DE INFORMAÇÃO

Avarete

Nº DE REGISTO

/AJ

DATA

14/11/85

Nº

620

P





PCP

Com simpatia e sem 3 milhões de votos a eleição seria de Soares ou Freitas

Para além da importância política da introdução do camarada Álvaro Cunhal fez na sessão de esclarecimento realizada na passada sexta-feira à noite no salão da Sociedade Filarmónica da Amadora (ler na pág. 3), a própria sessão revestiu uma grande importância. No ambiente de grande atenção em que decorreu, a sessão revelou, no período de perguntas, que há muito por esclarecer ao eleitorado político, inclusivamente aos próprios militantes comunistas que, entretanto, se mostraram conscientes da excepcionalidade da situação e da sua complexidade.

As perguntas, em que intervieram muitos homens e mulheres presentes, não se limitaram aos temas desenvolvidos pelo secretário-geral do PCP. Outras questões foram levantadas, algumas mesmo de âmbito local, a que o camarada Orlando de Almeida, Presidente da Câmara da Amadora, respondeu. Algumas visaram aprofundar melhor as posições do Partido, clarificar situações, adiantar até hipóteses.

O governo

No que respeita à moção de rejeição anunciada pelo PCP, o dirigente comunista afirmou que não serão os comunistas a tomar a responsabilidade deste Governo. E, juntando à questão a uma outra também levantada, sobre a proposta de Governo de Salvação Nacional — quando os outros partidos não se mostram de acordo com a moção — afirmou que não há nenhuma alteração na actual composição da Assembleia da República que esteja em condições de resolver sozinho os grandes problemas nacionais.

«Para resolver esses problemas, o que nós propomos é que, na base das instituições, portuguesas e portuguesas dêem o seu empenhamento, qualquer que seja a área política em que até agora se tenham situado, desde que concordem com a necessidade de formar um Governo para atacar esses problemas.

Álvaro Cunhal deu o exemplo das autarquias, em que a APU, onde está em maioria, colabora com todos os que querem resolver os problemas das populações, sejam os outros do PS, do PSD ou do CDS. E afirmou também que o contrário também é verdade, isto é, que há alguns exemplos, como no caso do Porto, em que a Câmara do PSD, onde a APU dispõe de dois votos importantes. Para o Governo, o mesmo é possível, passando o problema pela existência de um consenso na Assembleia que apoie um executivo capaz de resolver os problemas.

Mas sobre o presente Governo, não serão os comunistas a viabilizá-lo, nem serão responsáveis por ele. Este governo minoritário do PSD acabará por ter dificuldade

des na Assembleia, cria uma situação de instabilidade e outra solução virá a ser necessária. «Temos declarado muitas vezes que o nosso Partido está pronto a examinar, na base de uma plataforma, a possibilidade de um Governo Democrático de Salvação Nacional. Se os outros não querem, que tomam as suas responsabilidades. A responsabilidade não é nossa. Mas não vemos outra solução que aquela que nós propomos e a experiência, dentro de pouco tempo, certamente o irá mostrar».

A Assembleia

A perguntas colocadas sobre a Assembleia da República, o Secretário-Geral do PCP respondeu em primeiro lugar àquela que visava saber o que se irá passar agora. «Nós pensamos que nesta Assembleia da República», disse, «haverá mais possibilidades de discutir leis reaccionárias e de impedir a aprovação de leis reaccionárias, e mais possibilidades de fazer a reforma jurídica que se irá passar agora. Mas as reformas mais graves do nosso povo. As nossas propostas vão ser sujeitas agora a essa prova».

Em relação a tais propostas, sublinhou, ir-se-á ver quais serão as reacções do PS, do PRD. E mesmo, em relação a algumas, qual a reacção do próprio PSD — se vai contestar ou não propostas que respondem a esses problemas. «As nossas propostas», disse, «têm mais possibilidades de ser discutidas e eventualmente de ser aprovadas». E afirmou ainda que os outros partidos, quanto a essas propostas, ver-se-ão confrontados com as suas responsabilidades perante o eleitorado.

Quanto à eleição recente de Fernando Amaral para a presidência da Assembleia da República, Álvaro Cunhal recordou os números — 160 votos a favor de Fernando Amaral e 62 atribuídos a Tito de Morais. «Isto mostra», sublinhou, «que Fernando Amaral teve os votos do PSD, do PRD e do PCP».

O dirigente comunista explicou que o PCP considera que o Presidente da Assembleia da República deve ser uma pessoa isenta, que não realize uma política partidária como Presidente da AR, que deve dar garantias de isenção e seriedade no exercício do seu cargo». A apreciação fundamental que fazemos deste Presidente da Assembleia da República, que já esteve no cargo durante a última legislatura, é a de que foi um homem isento, um homem sério no exercício das suas funções. (...) E o nosso voto neste presidente não é um voto no PSD, é o voto num homem que a nós se estava em melhores condições para exercer com isenção e seriedade o cargo, como aliás já demonstrara no exercício dessas funções».

Álvaro Cunhal chamou a atenção de que este caso define um pouco o que antes havia dito sobre o Governo Democrático de Salvação Nacional: se houver gente séria que cumpra com seriedade as suas funções, é secundário o partido a que pertence. «Se se demonstra a seriedade e a

vontade de acertar, nós estimulamos essa seriedade, essa vontade, essa isenção».

Autarquias

Os aplausos que soaram, sublinharam a compreensão dos presentes por este modo de ver do PCP. E o secretário-geral do Partido lembrou ainda o caso da reeleição do camarada José Vitorino para a vice-presidência da AR, com mais uma centena de votos para além dos votos comunistas, vindos do PRD e também do PSD, como é facilmente verificável, demonstrado o reconhecimento pelas qualidades do camarada, sobre o qual disse não haver outro que tenha trabalhado com maior seriedade e eficiência na vice-presidência da Assembleia. E lembrou ainda a eleição do camarada José Manuel Maia,

Presidenciais

Mas foi na questão das presidenciais que as perguntas incidiram com particular necessidade de esclarecimento. Álvaro Cunhal explicou detalhadamente a função do candidato do PCP. «Esta candidatura», repetiu, «é uma forma de intervir na batalha das presidenciais para contribuirmos para que haja finalmente a convergência e a unidade de todos os

do PCP, mas aquele que reúne o consenso de todos os sectores democráticos.

Falando dos apoios necessários a uma vitória, teve observações críticas à candidatura de Maria de Lurdes Pintasilgo, «uma candidatura que avança de uma forma voluntarista, sem querer saber da necessidade desse consenso, desse acordo». A questão não é a da simpatia, é de saber se os apoios são reunidos ou não. Com simpatia e sem três milhões de votos, a eleição seria a de Mário Soares ou de Freitas do Amaral...»

Zinha ou Pintasilgo? Quem há o PCP apoiar? O que é necessário a saber quem tem os apoios necessários para a vitória. Quem tiver os apoios terá também o apoio dos comunistas para a vitória. E, nesta caso, não se trata apenas de compararmos dois candidatos e saber qual é ma-



A Mesa que presidiu à sessão de esclarecimento com Álvaro Cunhal na Sociedade Filarmónica da Amadora

com 169 votos, para continuar a secretariar a Assembleia da República, lugar que desempenha desde a Assembleia Constituinte. E do camarada Jorge Patrício, eleito para vice-secretário com 158 votos.

Naturalmente que o Partido Socialista se sentiu «triste», disse Álvaro Cunhal, por ter apenas 62 votos no seu candidato. Mas, lembrou, o PS tem estado há anos no governo com partidos reaccionários. «Acabou de sair de um, com o PSD, onde lançou as medidas mais antidemocráticas, mais agressivas contra os trabalhadores, contra a Reforma Agrária, contra as nacionalizações, contra o poder local democrático. Está na manobra com o PSD para eliminarem a APU das autarquias. E agora vêm dizer que nós, com a votação na presidência da AR, «traímos os ideais democráticos», estamos a colaborar com a direita — eles que acabam de sair de um governo com o PSD; que votaram na anterior Assembleia este mesmo presidente!»

O dirigente comunista leu em voz alta um comunicado do gabinete de imprensa do PS. O ridículo das acusações ali lançadas contra o PCP desencadeou a gargalhada geral...

«Se elas já falam do "governo minoritário" e falam da "maioria"

votos dos democratas num só candidato da democracia».

«O nosso candidato, camarada Ângelo Veloso, não aparece para contrariar esse esforço; ao contrário, como candidato do PCP, a sua campanha será no sentido de chamar as outras forças de forma a conseguirmos finalmente uma unidade e um consenso para assegurar a vitória de um candidato da democracia contra Mário Soares e contra Freitas do Amaral».

Uma pergunta era: a candidatura do PCP é para desistir ou para ir às urnas? Resposta: «No fundamental é para conseguir que todos os votos sejam num só candidato. Isto significa desistir», disse Álvaro Cunhal que, entretanto, afirmou também: «Mas não excluímos que possa ir às urnas, se for criada uma situação tão complexa em que nós pensemos que a atitude justa é ir às urnas. Mas toda a energia do nosso camarada como aliás toda a energia do nosso Partido é para conseguirmos uma votação vitoriosa num candidato da democracia».

Salientou também que «neste momento não temos qualquer compromisso com qualquer candidato democrático». E, falando dos três milhões de votos necessários para eleger um candidato democrático, fez notar que esse candidato não será certamente o

lhor ou qual é pior. Álvaro Cunhal recordou as garantias que um candidato deve dar — uma posição fiel à democracia, isenção partidária, não partidária, não ameaçar esta ou aquela formação política, ter o equilíbrio necessário nas suas decisões, não ter uma posição voluntarista que possa criar reacções muito desfavoráveis à estabilidade do regime. São estas as condições, que podem os comunistas reduzir ao mínimo para que seja possível derrotar Soares e Freitas.

O secretário-geral do PCP, insistindo que não deve haver precipitações, lembrou que também a análise serena da situação havia permitido em 1980, «engolindo sapos vivos», assegurar a vitória da democracia elegendo Eanes contra Soares Carneiro.

Por fim, Álvaro Cunhal apelou a todos para que empenhem as suas energias nas múltiplas tarefas políticas que se colocam hoje aos comunistas, com confiança nas perspectivas que se abrem e que conduzirão a uma alternativa democrática.

E a sessão acabou com um cântico: com um viva à unidade dos trabalhadores, um viva à unidade dos democratas, à Aliança Povo Unido e ao Partido Comunista Português.

KASPAROV

Este livro inclui todas as partidas de Kasparov desde Setembro de 1982, quando iniciou o seu brilhante percurso no Campeonato do Mundo no Interzonal de Moscovo. São analisadas em pormenor todas as partidas dos matches de candidatos frente a Beliavsky, Korchnoi e Smyslov. Todos os jogos (todos desde o Interzonal — cerca de 70) são detalhadamente comentados pelo autor — o mestre da FIDE (e ICCF) Luís Santos, três vezes campeão nacional e membro da Associação Internacional dos Jornalistas de Xadrez — que elegeu Kasparov como o melhor jogador do mundo nos últimos dois anos.

Para além das competições oficiais do Campeonato do Mundo, são também analisadas profundamente as actuações de Kasparov na Olimpíada de Lucerna, Espartakiada, Torneio Magistral de Niksic e, inclusive, uma importante prova de partidas rápidas, sempre com actuações memoráveis do jovem campeão.

O leitor ainda poderá tentar resolver uma pequena selecção de combinações de Kasparov referentes a partidas disputadas antes de Setembro de 1982.

KASPAROV
Percurso do Jovem Campeão

LUÍS SANTOS

COLEÇÃO DESPORTO E TEMPOS LIVRES

